

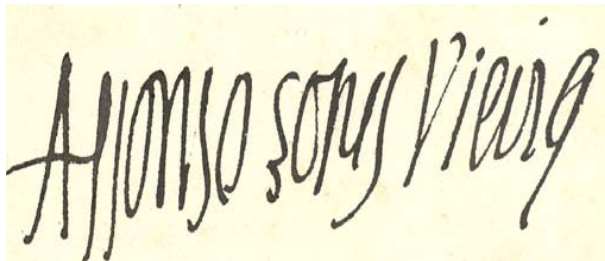
# **A recepção da obra para a infância e juventude de Afonso Lopes Vieira na comunicação social e nos manuais escolares, na 1.<sup>a</sup> metade do século XX**

Cristina Nobre – ESE/IPL/CIID

[cnobre@esel.ipleiria.pt](mailto:cnobre@esel.ipleiria.pt)



# OBJECTIVOS



Afonso Lopes Vieira



1. Afonso Lopes Vieira foi pioneiro na abertura do cânone moderno e contemporâneo da literatura infantil e juvenil em Portugal, com as obras *Animais Nossos Amigos* (1911), *Canto Infantil* (1912) e *Bartolomeu Marinheiro* (1912), a que se seguiriam outras durante o primeiro quartel do séc. XX.
2. Inaugurou a modernidade do género, pela interacção da palavra literária com a ilustração e a música, inovações continuadas com algumas tentativas dramáticas destinadas ao público infantil, e com a produção do primeiro filme para crianças, *O Afilhado de Santo António* (1928).
3. A RECEPÇÃO desta obra foi feita pela comunicação social da época, e mostra o interesse despertado na opinião pública, sendo a única notícia de reconstituição dos acontecimentos culturais.
4. A PEDAGOGIA OFICIAL, sobretudo a partir do Estado Novo, serviu-se deste cânone, dando-lhe uma projecção grande nos manuais oficiais. Este aproveitamento ideológico contribuiu para o apagamento da obra infantil de ALV do cânone actual.

# Em 4 de Fevereiro de 1912, no jornal *A Capital*, aparecia um longo e polémico artigo de Lopes Vieira, intitulado "As nossas creanças",

com um desenho inédito de Raul Lino com um projecto de escola primária.

1.º — As creanças portuguezas, possuindo uma intelligencia vivissima e uma aptidão brilhante, auctorisam-nos a esperar os mais brilhantes resultados — desde que dediquemos a mais carinhosa attenção ao problema da sua educação. Urgia, para isso, que uma larga iniciativa particular desponsasse, e que o Estado se não empenhasse em a desanimar. Não nos preocupemos, pois, com os adultos. Para não perdermos tempo!

2.º — Criar-se-hia uma divida especial, destinada á educação infantil (comprehendendo instrucção primaria, maternidades, jardins de infancia, etc.), com inscripção á parte no orçamento. Inutilizar-se-iam todas as escolas do Estado, e construir-se-iam, empregando os materiaes proprios de cada região, outras tantas e muitas mais escolas do tão lindo typo indicado na gravura, desenho inedito, original do architecto Raul Lino. Construidas, seria preciso decorallas, florindo-as e pondo nas suas paredes, em vez de mappas gordurosos, pendurados nos pregos ferrugentos, a alegria dos chromos e dos frizos, preparando assim as gerações futuras para a maior alegria que um bom latino pode gosar, — á admiração, — e para que venham a tratar com menos selvageria do que seus maiores as paisagens e as coisas bellas da sua grey.

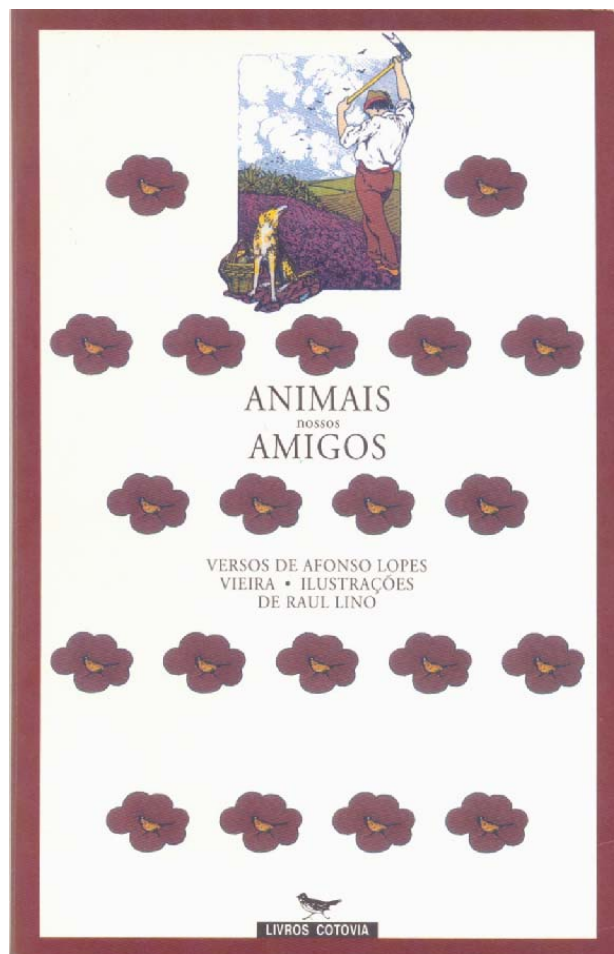
3.º — Importar-se-hiam dos paizes mais cultos professores idoneos para nos ensinarem a risonha disciplina que nos falta, e a precisão dos seus methodos, que desconhecemos.

4.º — Criar-se-hia um partido pedagogico ou *infantilista*, — o que mais razão de existência viria a ter, — e seria o d'aquelles cujos habitos de independencia espirital lhes não permitem que militem n'outro, — o d'aquelles que nas creanças confiam, para ellas trabalham e d'ellas esperam; o partido dos que preferem mil vezes a historia das amoras a tantas outras historias, por equal phantasistas, — mas muito menos graciosas." [art. cit.]



O programa para a infância de Lopes Vieira inaugurava-se com *Animais Nossos Amigos* [ANA], publicado pela 1.<sup>a</sup> vez no Natal de 1911, para não fugir à classificação festiva, designação ligada por Eça ao género:

### LITERATURA DE NATAL.



Em verdade, se aprender a ler tem sido em Portugal para a maior parte das crianças uma tortura, ler com prazer raríssimos o tem feito, porque os livros são impossíveis.

Ou muita erudição ou muita história, tirada dos melhores clássicos, rígidas sentenças de moral, discursos magníficos que fatigam, saber e exemplos que aborrecem...

Livros *simpáticos* que as crianças amem, levem para a mesa, para a cama, para a rua, eu não conheço outro, além deste que lhes falo. § [...]

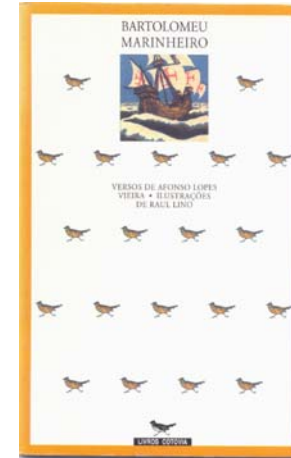
Nem os autores esperam recompensa que seria legítima e merecida pelo bem que fizeram, criando esta obra de arte; e, se Eça de Queiroz, pelas suas palavras de estímulo à gente do Brasil, preferia a tudo *que um só bebé se risse e fosse alguns minutos feliz*, os autores dos ANA, devem julgar-se amplamente recompensados.

(Hipólito Raposo, [1911]: R, I: 65r.)

**Para o contexto de renovação nacionalista que se vivia, *Bartolomeu Marinheiro* [BM] vinha preencher um vazio educativo com "um pedaço de historia e de lenda posto em verso",**

**como dizia um crítico de então**

- Serviu os propósitos daqueles que achavam que a missão do poeta, através da obra, era dar: "[...] uma soberba lição de história e patriotismo [...] aos que amanhã hão de ser os portugueses dirigentes de Portugal. É a mais bela página de patriotismo que se tem escrito [...]" (AN, [1912rr]: R, I: f 88r.);
- Desiludiu profundamente Pessoa, que pensava que as crianças que o lessem seriam levadas "[...] ao antipatriotismo pelo inevitável desdém que um livro como o *Bartolomeu Marinheiro* leva a ter pelo navegador, que ali aparece vestido de bebé de Carnaval, cheio de fobias, por lhe terem sido metaforizadas na infância cousas como que um quarto escuro é logicamente terrível [...]" (Pessoa, [1913]: 193)



"depois da escrita para crianças, a escrita àcerca das crianças" (Campos, [1922]: 15)

Indistinção entre uma poesia para crianças e uma poesia sobre crianças



I am tempted to say that there is no such thing as poetry for children. There is plenty of poetry *about* children; and some of the best poetry ever written is about *childhood*; at some time or other most poets explore that inviting furrow — their own youth and growing up. A great body of the so-called canon of children's verse was never intended for the young at all, but was verse which adults thought *suitable for children*. The gatekeepers of the canon are the anthologists.

(Morag Styles, 1998: 190).

PEDAGOGIA OFICIAL RENDIDA AOS E RENTABILIZANDO OS  
ENCANTOS DA OBRA INFANTIL DE ALV

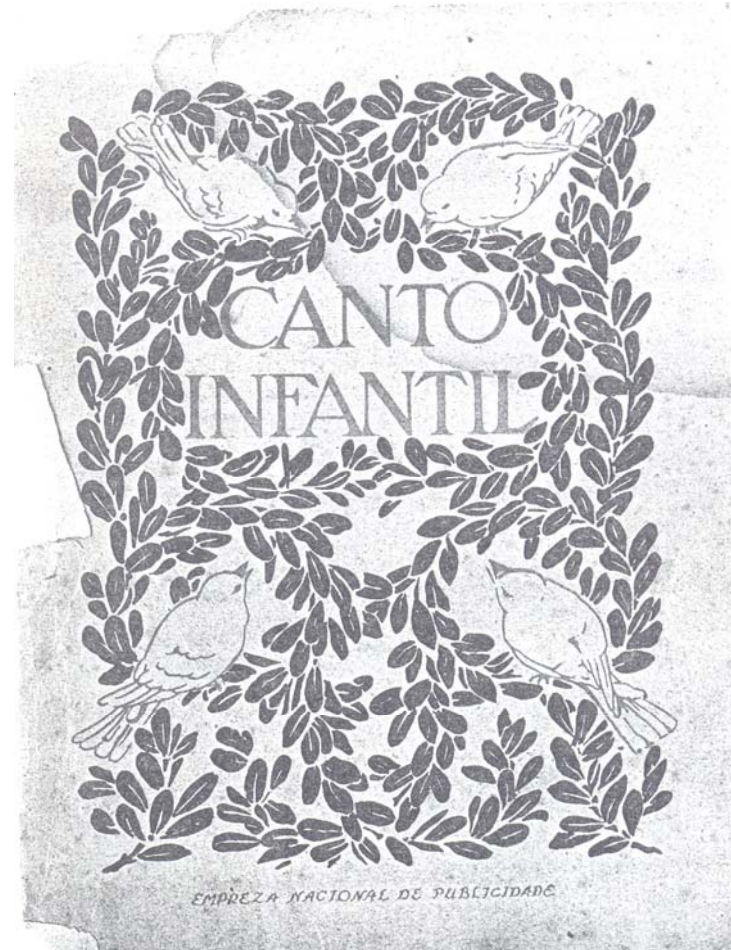
- Em **1931** aparece uma nova edição de ANA — a 2.<sup>a</sup> portuguesa — "**realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias**", com ilustrações de Maria de Lurdes.
- Essa era a marca da adoção institucionalizada pelo Ensino Oficial de então, que se serviu desta obra, bem como da que se lhe seguiria — *Bartolomeu Marinheiro* [BM], no Natal de 1912 —, e que teve também uma 2.<sup>a</sup> ed., póstuma, em **1955**, para "**as Bibliotecas das Escolas Primárias**".

# *Canto Infantil*

ilustrado por Raul Lino e musicado por Tomás Borba,

com uma 1.<sup>a</sup> ed. em 1912, uma 2.<sup>a</sup> em 1916 e uma 3.<sup>a</sup> em 1931.

- Este livro serviu uma série de gerações, como compêndio de aprendizagem das primeiras letras, e marcou de novo como que um retorno à poesia das origens e do natural.
- Assim acontece nos poemas-cantigas onde se canta a vida simples do quotidiano, com toda a sua singeleza e beleza, da qual se extraem regras de vida e um moralismo saudável e inquestionável.
- Este ambiente simultaneamente educativo e instrutivo muito agradava a alguns pais preocupados com a educação dos filhos, bem como à crítica da época



# Poemas-cantigas memorizados por toda uma geração, com propósitos ideológicos evidentes:

"A Borboleta", "A Árvore", "A Rôla", "Repiu-piu-piu", "os Búzios", "A Oliveira", "O Sino", "Os Ninhos", "Rio Tejo", "Os Morangos", "As Estrelas", "O Lavrador", "A Lareira", "O Linho", "O Pastor", "O Pucarinho"



# O ESTADO NOVO APROPRIOU-SE IDEOLOGICAMENTE DESTES POEMAS E FEZ DELES UM CATECISMO...



Alegro

*mf* Vi, va a Es.co.la, onde apren.de mos, vi, va a Es.co.la, que é tam

Fim Uma voz

bem u.ma ou,tra bo.a Mãe que to...dos te...mos! Na Es.co.

Menos vivo

ta se a.pren.de a ler e, sem ler, na..da se é. E a,qui

vi...mos a...pren,der o A B C!

D.C.

## Viva a Escola!

R. Viva a Escola, onde aprendemos,  
Viva a Escola, que é também  
Uma outra boa mãe  
Que todos temos!

Na Escola se aprende a ler  
E, sem ler, nada se é.  
E aqui vimos aprender  
o ABC.

R. Aqui na escola aprendemos  
a amar a Pátria gloriosa,  
Que está à espera, ansiosa,  
Do que faremos!

R. De aqui nasce o sol que avança  
Numa aurora de alegria.  
De aqui nasce a esperança  
De um grande dia!

R.

# *Campanha Vicentina, 1914*

conjunto de actividades culturais relacionadas com  
Gil Vicente e a divulgação da sua obra



**O *Auto da Barca do Inferno* (Parodia Infantil), com ilustrações de Raul Lino, representado em 1913 em casa de Raul Lino, no teatrinho de fantoches das filhas, gerou algumas expectativas de iniciar um ciclo de representações de "Teatro de Fantoques"**

**Avtozinho da  
BARCA DO INFERNO**

EM BAIXO, à direita: O Diabo - Maria Helena Gomes da Silva (oito anos). — EM BAIXO: Cena final — Os eleitos e os condenados.

EM CIMA, à esquerda: Pilar da casa com o Ex-libris. — NO MEDALHÃO: Cabeça do Diabo. — EM CIMA: O Diabo entre a Mexeriqueira e o Mentiroso.

a esposa do poeta estabeleceu na sua casa de Lisboa.  
O talento e a graça de essas crian-

**Entrevista concedida ao jornal *O Século*, em 10 de Fevereiro de 1915, onde revela o seu interesse pelo teatro de fantoches como um belíssimo instrumento ao serviço da educação infantil**

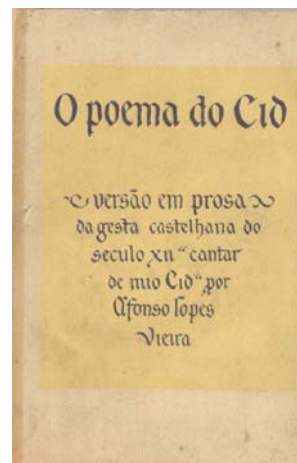
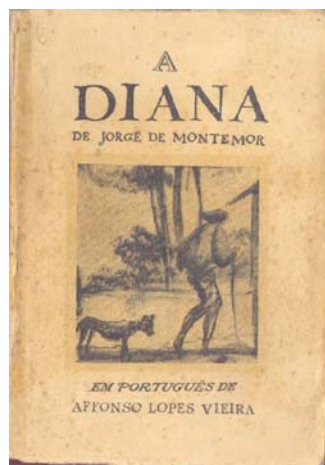
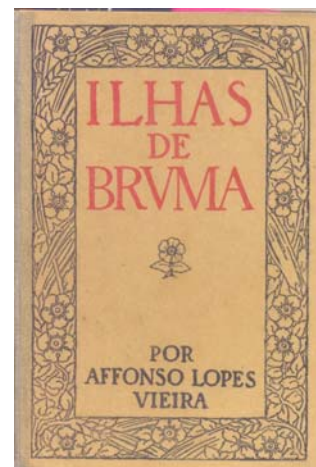
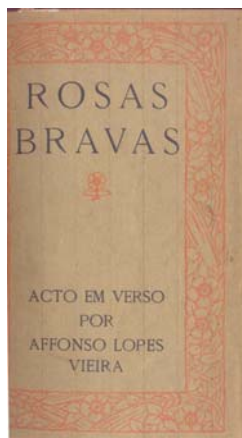


— Porque motivo não fazer uma exhibição publica de tão interessante teatro? [...]

[ALV:] — Pensou-se em tempo, realmente, n'essa exhibição. É evidente que só em excepcionaes circumstancias podiamos levar para um tablado publico o que bem recatadamente se tem conservado na intimidade de um lar feliz. Essas circumstancias ofereceu-as a idéa de organização de uma recita, no nosso Nacional, em favor do poeta da "Vida de Jesus". Seria um número interessante, original e inedito, que eu precederia de uma conferencia sobre a origem d'esse curiosissimo teatro, que pouca gente sabe nascido nas cathedraes goticas, logrando já a honra de ter representado em Inglaterra, no seculo XVII, o 'Julio Cesar' do grande Shakespeare. Por motivos que me abstenho de apreciar, uns outros que mesmo ignoro, essa recita não se fez e D. Roberto não saiu da sua caixa de papelão.

E aí está como Gil Vicente não foi representado no Teatro Nacional por actores de madeira, bem melhores, certamente, que muitos de carne e osso do nosso conhecimento.

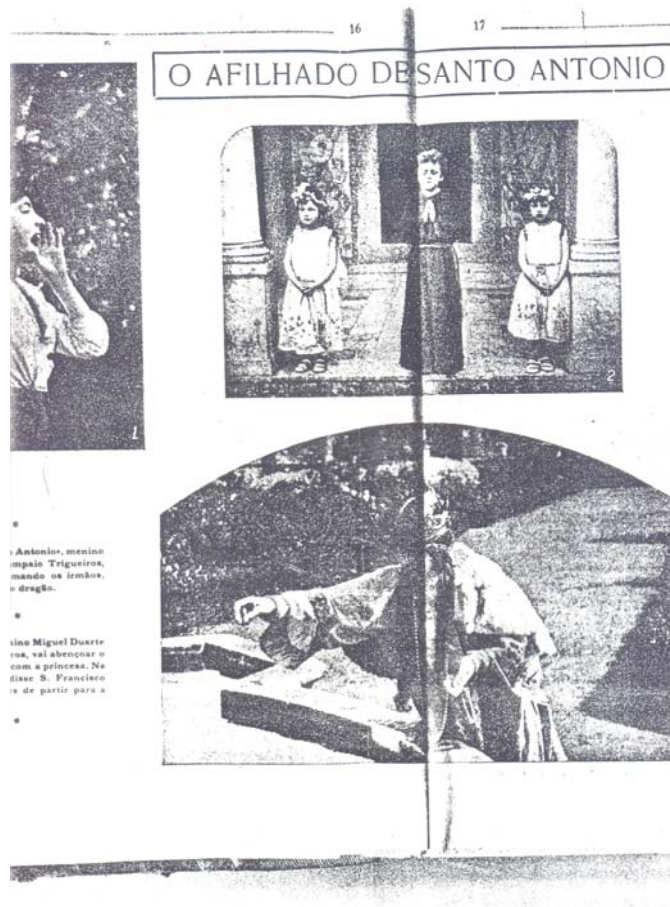
Depois de mais de 10 anos de ausência na LI a obra de Lopes Vieira para adultos vai ganhando um espaço peculiar e de reconhecimento



## A RELAÇÃO COM A 7.<sup>a</sup> ARTE

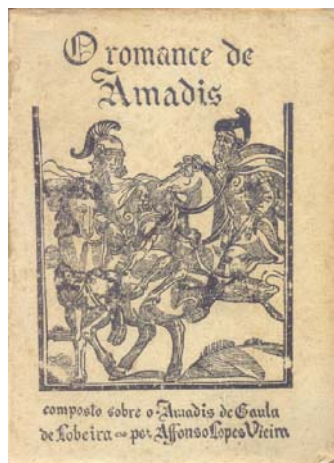
O Afilhado de Santo António (ASA) — filme infantil —  
adaptação de um conto popular português e realização para cinema de Lopes Vieira

(larga notícia e resumo do argumento na rev. *Cinéfilo*, 1.<sup>o</sup> Ano, n.<sup>o</sup> 1, de 2 de Junho de 1928, pp. 15 a 18.



- Esta experiência cinéfila para crianças, que não sabemos se foi a primeira ou o fruto de anteriores tentativas, ajuda-nos a perceber o seu empenhamento em filmes como *Camões*, estreado apenas em 1947, um ano após a morte do escritor.

## As causas públicas e a restituição das obras-primas de Portugal

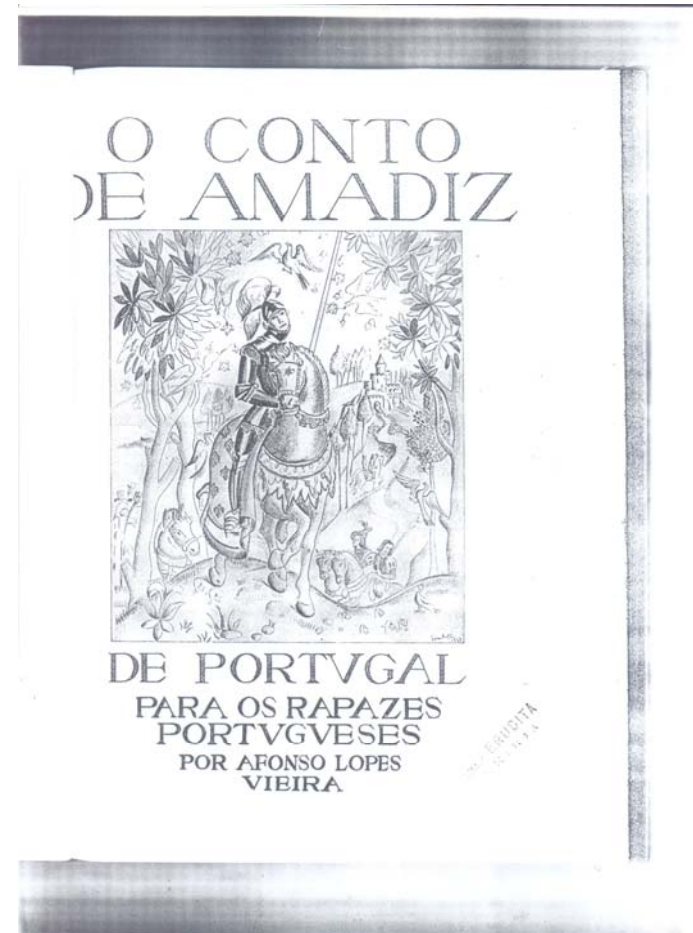


Uma outra vertente da obra de Lopes Vieira diz respeito à adaptação de obras consideradas fundadoras da nossa cultura literária e, por razões diversas, onde se inclui a publicação em línguas estrangeiras ou o tamanho exagerado da obra, inacessíveis ao público. O seu projecto consistiu em restaurar essas obras fundamentais, restituindo-as à língua da contemporaneidade e remodelando-as em função de um programa de leitura, como dizemos modernamente.

No Natal de 1938, publica  
***O Conto de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses,***  
com desenhos de Lino António

A leitura de CAP não pode fazer-se sem uma comparação prévia com *O Romance de Amadis*, e de algumas das polémicas por ele suscitadas, para chegarmos à conclusão das evidentes preocupações didácticas e moralistas espelhadas na obra para crianças.

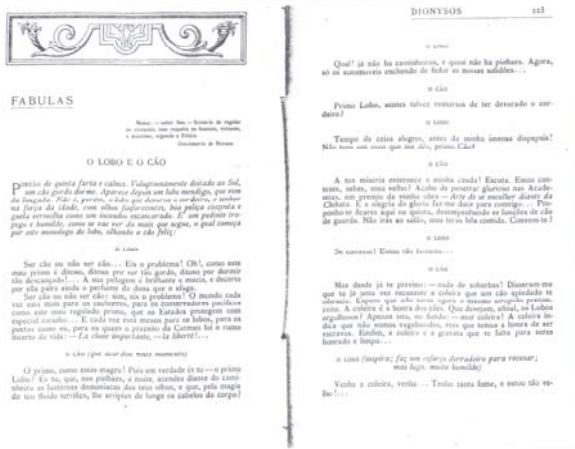
CAP é, sem dúvida, um belo conto para rapazes e para raparigas, embora inicialmente Lopes Vieira sentisse algumas dificuldades de redacção.



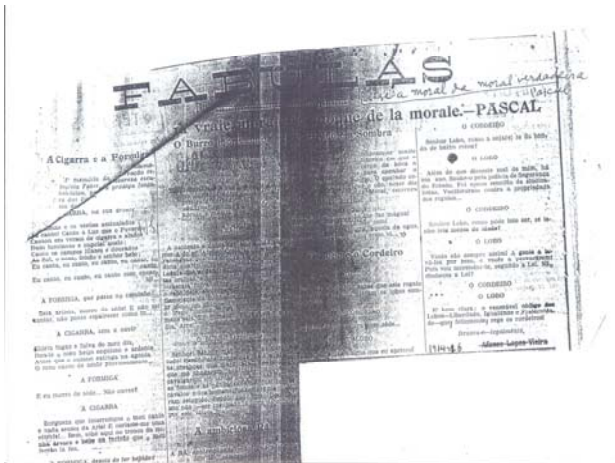
PROJECTOS ANUNCIADOS, ESBOÇADOS,  
ABANDONADOS, PERDIDOS...

- *Cavaleiros e poetas de Portugal*
- *Fernão Mendes no Japão* (com ilustrações japonesas)
- *Mar Piqueno ou Flores do Mar* (de parceria com Matilde Bensaúde)
- *Vida de Nun'Alvares para os pequeninos*

# OUTROS PROJECTOS NO CAMPO DA LITERATURA INFANTIL



As Fábulas — "O Lobo e o Cão", "A Rã e o Boi", "A Montanha parindo um Rato" — publicadas na revista mensal de *Philosophia, Sciencia e Arte, Dionysos*, em **Maio de 1912**, nas pp. 222-6, poderiam também ser incluídas nesta vertente da sua obra, do mesmo modo que as Fábulas de Esopo, de Fedro ou de La Fontaine são hoje quase unanimemente consideradas tipos/géneros da literatura para a infância.



Entre os vários recortes de jornal do espólio de Lopes Vieira, encontra-se um que contém 6 fábulas — "A Cigarra e a Formiga", "Mons Parturiens", "O Burro Moribundo", "A Ambiciosa Rã", "O Cão e a Sombra", "O Lobo e o Cordeiro" — ao qual, numa caligrafia que parece ser a de Lopes Vieira, se juntou a data de 1914-16.

# Duas reescritas da fábula clássica "A Cigarra e a Formiga" — "Fábula mentirosa" e "Fábula verdadeira"

Em 1935, ao lado de Aquilino Ribeiro, Virgínia Lopes de Mendonça, Olavo de Eça Leal, Acácio de Paiva, Maria Lamas, Lopes Vieira colaborou com o semanário infantil *O Gaiato*, dirigido com dinamismo e inteligência por Alice Ogando.

No n.º 4 deste semanário aparecem duas reescritas da fábula clássica "**A Cigarra e a Formiga**". Leitor de Fabre, naturalista que pela primeira vez se dedicou ao estudo da vida, hábitos e instintos dos insectos, o escritor desmonta as ideias feitas sobre a preguiça da cigarra, confrontando-as com as descobertas recentes da ciência e repondo a necessidade e a utilidade dos hábitos e do canto da cigarra, simbolicamente aparentada com a do poeta.



A sementeira para a infância e juventude de Lopes Vieira continua hoje  
a produzir frutos remanescentes da  
pura estética que o assombrou toda a vida

- Como um instrumento essencialmente formativo, ainda mais do que pelo deleite estético proporcionado, o cânone para a infância e juventude de Lopes Vieira é de uma positividade completa, fornecendo valores e modelos de actuação patrióticos, ecológicos, cívicos, numa palavra, humanos.
- E numa *pura linguagem*, a qualidade máxima que, segundo o escritor, salvava até os livros escolares mais retrógrados:
- *"Aquelas cinzentas Selectas por onde se lia nas classes de português antes dos livros actuais, tinham a vantagem de, uma vez na vida!, lerem os portugueses uma pouca de pura linguagem. Sempre no fundo das memórias ficaria a límpida recordação de um ritmo — longínquo rumor das asas da astuta cotovia do apólogo..."* [DG: 354].

